Os 13 Porquês Sob O Prisma Da Cultura Terapêutica: Vítima, Sofrimento E Risco[1]

Bianca Rodrigues PINHEIRO[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O triunfo da terapêutica na cultura contemporânea delineia o ressentimento, a vitimação e o trauma como formas de os indivíduos darem sentido às suas experiências de sofrimento. A felicidade aparece como uma obrigação moral e um direito, enquanto o risco indica nossa forma de habitar o tempo hoje. Em um contexto de comunidades negativas e ausência de referências simbólicas, o eu é divino, e o particular, universal. Este trabalho pretende estabelecer um nexo entre a série "Os 13 Porquês" e as configurações morais e culturais da contemporaneidade, analisando tanto o seriado quanto os produtos virtuais dele derivados sob o prisma da cultura terapêutica.

Palavras-chave: cultura terapêutica; vítima; risco; sofrimento; ficção seriada.

Introdução

13 Reasons Why (2017) é uma série televisiva do gênero drama adolescente produzida pela Paramount Television e adaptada do livro *Thirteen Reasons Why* (2007), de Jay Asher, por Brian Yorkey. Com 13 episódios e produção executiva da cantora Selena Gomez, o seriado aborda os 13 motivos que levaram a protagonista Hannah Baker a cometer suicídio. Por meio de gravações em fitas cassete, feitas antes de sua morte, Hannah conta suas razões, as quais envolvem uma série de atos cometidos por um grupo de alunos e um *counselor* do colégio onde estudava. Alternando os pontos de vista da garota com os de Clay Jensen, um dos indivíduos considerados culpados por seu trágico destino, a série narra acontecimentos passados e presentes, mostrando a sucessão de acontecimentos que levou Hannah a tirar a própria vida e o impacto de sua morte e de suas gravações sobre os outros personagens. Nesse sentido, *13 Reasons Why* tem como principais temáticas o suicídio e o bullying, além de abordar assuntos correlatos, como automutilação, homofobia e misoginia.

[1] Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Curso de Comunicação e Cultura da ECO-UFRJ, email: biancarpin@gmail.com.

A série da Netflix tem sido alvo tanto de críticas quanto de elogios. Alguns acreditam que ela tratou o suicídio de maneira irresponsável, indo de encontro às indicações da Organização Mundial de Saúde (OMS) para a abordagem do tema, e que pode acabar agravando o quadro emocional de indivíduos depressivos[3] e levando ao Efeito Werther[4]. A maioria, no entanto, destaca a relevância da série por tocar em assuntos que devem ser debatidos com mais frequência, como o suicídio entre os adolescentes, a depressão e o bullying, ressaltando o aumento de 455% de pedidos de ajuda ao Centro de Valorização da Vida[5] que teria sido resultado do seriado.

É inegável a repercussão de *Os 13 Porquês* nos mais diversos meios de comunicação, sobretudo na internet, onde, por meio da hashtag #NãoSejaUmPorquê as pessoas compartilham suas próprias histórias e incentivam umas as outras a refletirem sobre como pequenas ações e brincadeiras podem resultar em alto custo à vida emocional dos indivíduos. A própria Netflix lançou uma série de vídeos em seu canal do YouTube nos quais algumas pessoas relatam suas experiências como alvos de bullying. No Facebook, a página oficial brasileira do seriado já conta com mais de 3 milhões de "curtidores".

Os 13 Porquês traz diversas características da cultura contemporânea, como o culto da terapêutica, a ascensão da figura da vítima, a perspectiva do risco e o particularismo universalizado. Sendo assim, para analisar o seriado, é importante refletir sobre alguns aspectos morais e culturais da sociedade contemporânea, o que será feito na primeira parte deste trabalho. Em seguida, relacionaremos as teorias apresentadas às perspectivas trazidas pela série, sobretudo a respeito do efeito borboleta, e interpretaremos produtos derivados dela que foram publicados na internet.

O trabalho adota como metodologia a análise do discurso, levando em consideração a perspectiva foucaultiana da subjetividade como uma produção discursiva e histórica. Assim, à luz de teorias sobre a contemporaneidade serão analisadas as principais ideias trazidas pela série, como a vitimização e o individualismo, e também

[3] Disponível em < http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/divirtase/46,51,46,61/2017/04/10/internas_viver,698536/psiquiatra-faz-13-alertas-sobre-a-serie-13-reasons-why-da-netflix.shtml >. Acesso em 20 abr. 2017.

[4] Efeito Werther é um termo cunhado pela psicanálise para se referir às ondas de suicídio que seguem o suicídio de figuras emblemáticas. Werther é o protagonista suicida do livro "Os sofrimentos do jovem Werther", de Johann Von Goethe, cuja publicação no século XVIII teria causado uma quantidade expressiva de suicídios.

[5] O Centro de Valorização da Vida é uma associação civil sem fins lucrativos que presta o serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar.

materiais publicados na internet que refletem a repercussão do seriado, como comentários feitos por fãs nas redes sociais e a hashtag #NãoSejaUmPorquê. Os materiais virtuais foram selecionados pela sua relevância, que pode ser notada, por exemplo, pela quantidade de likes, compartilhamentos e visualizações que obtiveram.

A moralidade contemporânea

Estamos na era do triunfo da terapêutica, caracterizada pela falta de propósitos comunais, por um senso de bem-estar manipulável, pela ruptura das identidades coletivas, pela eliminação do sentido trágico, e de cujo protagonista é o homem psicológico (RIEFF, 1990). Nesse cenário, o autoconhecimento aparece como uma ferramenta indispensável para o indivíduo, e as emoções são consideradas a fonte de grande parte dos problemas enfrentados pelo ser humano, sendo o que dá sentido à sua existência. Assim, a linguagem emocional deixa de fazer parte apenas dos consultórios psicológicos e penetra em diversas esferas da vida, como a política, a escola, o trabalho e a mídia (FUREDI, 2004).

De acordo com Furedi (2004), um dos aspectos negativos dessa conjuntura é a vulnerabilização do indivíduo:

> Hoje tememos que os indivíduos não apresentem resiliência para lidar com sentimentos de isolamento, decepção e fracasso. Por meio da patologização das respostas emocionais negativas às pressões da vida, a cultura contemporânea involuntariamente encoraja as pessoas a se sentirem traumatizadas e deprimidas por experiências até então compreendidas como parte da rotina[6]. (FUREDI, 2004, p. 6, tradução livre).

Aliado à vulnerabilidade, aparece o risco. Diante de experiências consideradas estressantes ou frustrantes, acreditamos correr o risco de desenvolver algum quadro patológico e, portanto, devemos ou evitá-las ou requerer acompanhamento terapêutico para lidar com as circunstâncias adversas. Assim, a profissionalização da vida emocional e a gerência da subjetividade são elementos comuns na cultura terapêutica, os quais realizam um deslocamento do social para a vida interior do indivíduo, compreendida como determinante para os comportamentos tanto individuais quanto coletivos. A preocupação constante com o *self* em detrimento de aspectos sociais e culturais configura um determinismo emocional (FUREDI, 2004).

[6] Today we fear that individuals lack the resilience to deal with feelings of isolation, disappointment and failure. Through pathologising negative emotional responses to the pressures of life, contemporary culture unwittingly encourages people to feel traumatized and depressed by experiences hitherto regarded as routine.

A cultura terapêutica, apesar de considerar as emoções problemáticas, também as valoriza. No entanto, somente são valorizadas as emoções que têm relação com a autorrealização e o bem-estar individual, como a felicidade e o prazer, ou seja, os sentimentos do indivíduo para consigo mesmo, em vez de direcionados a um objeto externo. Assim, diferentemente de em outras épocas, quando a felicidade era alvo de suspeita[7], hoje ser feliz é uma obrigação moral (FREIRE, 2010).

Esse contexto pôde emergir a partir de mudanças na moralidade. Se na modernidade havia indivíduos assolados pela culpa e pelo medo de serem classificados como anormais (FOUCAULT, 2001), hoje, ao abraçar valores como a autenticidade, a pluralidade e a felicidade, a sociedade contemporânea desestigmatiza aqueles que são considerados diferentes, e até estimula a diferença. A ausência de referências simbólicas colabora para um cenário em que os indivíduos têm a sensação de que tudo é possível, frustrando-se facilmente diante da impossibilidade de sê-lo (EHRENBERG, 2000) e, ao mesmo tempo, diante dos riscos apresentados por tantas opções. Nessa conjuntura, as exigências morais deixam de ser a obediência a regras rígidas de comportamento e passam a requerer que as pessoas sejam felizes, autênticas e autônomas. Assim, quem não corresponde a essas expectativas culturais é facilmente concebido como portador de algum transtorno mental.

De acordo com Birman (2010), a democratização do espaço social e a consequente pretensão à igualdade fizeram com que a felicidade passasse a ser concebida como um direito de todos. No entanto, segundo o autor, por ser da ordem formal e não real, na medida em que ser feliz não é possível para qualquer indivíduo, esse direito, ao ser negado, dá ensejo ao ressentimento entre aqueles a que a felicidade foi recusada, os quais começam a se contemplar como vítimas de uma injustiça social. Birman considera, assim, que o ressentimento e a vitimação são a outra face do imperativo da felicidade na sociedade contemporânea.

No cenário em que domina o “seja você mesmo”, a particularidade e a individualidade ganham destaque. Dessa maneira, Rieff (1990) sustenta que, na era da terapêutica, com o desaparecimento da civilização da autoridade, a comunicação de ideais gera suspeitas e, no lugar das comunidades positivas, que garantiam a salvação a seus

[7] No livro “Ser feliz hoje: Reflexões sobre o imperativo da felicidade”, recorrendo a diversos pensadores e diversas obras literárias ao longo da história da humanidade, João Freire Filho ressalta que a felicidade já foi considerada coisa efêmera e não-natural.

membros, os quais eram unidos pela culpa, surgem as comunidades negativas ou íntimas, caracterizadas pela objeção às regras, por pouquíssimas obrigações e pela limitação da entrada da cultura no "eu", constituindo a esfera pública como desconhecida e distante.

> Com o declínio da civilização da autoridade, a necessidade terapêutica se deslocou para uma ação que ocorresse, antes de tudo, no interior do círculo das relações pessoais; depois de transposto com sucesso esse primeiro nível de reeducação privada, a vida pública poderia então ser alterada com o tempo. Um novo tipo de comunidade poderia então ser construído, um tipo que não gerasse a consciência e o controle interno, mas o desejo e o jogo seguro dos impulsos (RIEFF, p. 66, 1990).

Outro imperativo da contemporaneidade é o da exibição de si. Na falta de referências simbólicas, ficamos dependentes do olhar do outro para sermos e para avaliarmos nossas condutas. Furedi (2004) destaca que a exibição pública das emoções é considerada importante na cultura terapêutica, pois indica que o indivíduo está buscando ajuda. Vaz (2014) acredita que a exibição do sofrimento e da sinceridade aparecem, hoje, como fundamentação da verdade do discurso, no lugar antes ocupado pelo perito e pela ciência.

Furedi (2004) apresenta o paradigma da vítima-heroi, segundo o qual, ao superar uma situação difícil, a pessoa é considerada uma heroína. É o que podemos notar, por exemplo, em relação aos transtornos psiquiátricos, em matérias como "A depressão a ansiedade não são sinais de fraqueza!"[8], do site R7, na qual o autor defende que essas patologias são sinônimos de força e luta, e em projetos que combatem a depressão e o suicídio, como o *Project Semicolon*, que, em uma de suas postagens no Facebook ressalta: "Algumas pessoas pensam que ser forte é nunca sentir dor. Na realidade, as pessoas mais fortes são aquelas que a sentem, compreendem-na e aceitam-na"[9]. De acordo com Vaz, "a cultura terapêutica é também a cultura da vítima, aquela em que os indivíduos estão novamente aprendendo a se conceber como inocentes e a afirmar que sofrem por culpa de imorais" (VAZ, 2010, posição 3.077).

Vaz (2010) sustenta que o trauma é uma das maneiras de atestar e legitimar o sofrimento cientificamente. Ao discorrer sobre o presentismo, Hartog (2015) destaca que o trauma é um tipo de tempo que dura, sendo um presente imóvel e involuntário. Tal conceito estaria relacionado ao modo como o indivíduo experencia o tempo na

[8] Disponível em < http://entretenimento.r7.com/pop/jovem/a-depressao-e-a-ansiedade-nao-sao-sinais-de-fraqueza-08032016 >. Acesso em 3 jun. 2017.
[9] Disponível em < https://www.facebook.com/projectsemicolon/photos/a.659907414022940.1073741828.659615364052145/1443182279028779/?type=3&theater >. Acesso em 3 jun. 2017.

contemporaneidade, em que reinam o paradigma da responsabilidade – que considera os efeitos de longo prazo de nossas ações, enfatizando nossa responsabilidade sobre o futuro que virá – e o da precaução – que envolve os riscos que presumimos que existam, mas nem nós nem a ciência podemos ter certeza de sua presença. O segundo introduz a existência do irreparável, do irremediável, do imperdoável, da imprescritibilidade e do dano que está para além da compensação. Em relação aos traumas ocasionados por *bullying*, Vaz (2014) sugere que há uma articulação entre presente e passado, na qual o evento experimentado pelo indivíduo no passado explica seus sofrimentos presentes causados por um preconceituoso que não exercitou a compaixão nem pensou nas potencialidades negativas de suas ações. Assim, o trauma aparece como um evento que não deve ser esquecido, pois é capaz de dar sentido à experiência do indivíduo, ao responder à pergunta "por que sofro?", e coloca-o em uma posição de vítima – ou seja, heroica –, distanciada de seu opositor, o preconceituoso que não tolerou sua autenticidade.

O efeito borboleta

Os 13 Porquês conta a história de Hannah Baker, uma adolescente de 17 anos que se suicida e enumera os motivos que a levaram a cometer o ato em uma série de fitas, as quais, após sua morte, são repassadas entre os colegas de escola considerados por Hannah culpados pelo seu trágico fim.

Nesse breve descrição da série, podemos notar uma das principais características da cultura terapêutica: a emergência da figura da vítima. De acordo com Vaz (2010), a vítima surge como forma subjetiva da cultura terapêutica na medida em que a moralidade disciplinar perde lugar para a liberação sexual, fazendo com que os indivíduos deixem de encarar o sofrimento como resultante de um ato imoral cometido por si mesmos e localizem a culpa, em vez de em seu interior, em um agente externo. Uma das configurações culturais que permitiram esse deslocamento foi a inclusão do transtorno de estresse pós-traumárico no terceiro volume do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), nos anos 1980, e a posterior mudança no conceito dessa patologia, ocorrida nos anos 1990 com a publicação do DSM-IV, o qual generalizou o trauma – estado considerado anteriormente como resultante de um acontecimento grave e não usual, como a guerra, a tortura e o estupro – ao abranger eventos cotidianos da vida como passíveis de traumatizar os indivíduos.

Na série, podemos perceber essa generalização do trauma, sob a forma de *bullying*, ao analisarmos os motivos elencados por Hannah para seu suicídio. Entre eles, temos, por exemplo, a elaboração de uma lista em que Hannah aparece como uma das meninas fisicamente mais bem dotadas do colégio, a publicação não-autorizada de um poema escrito por ela e o afastamento de uma de suas amigas causado por um mal-entendido sobre um garoto. Ao mesmo tempo, há causas graves, como o estupro e a perseguição por ser considerada uma "garota fácil".

Um dos argumentos de *Os 13 Porquês* para a equiparação de eventos tão díspares é o efeito borboleta, segundo o qual "o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo"[10]. Ao se apropriar do termo, a série defende que acontecimentos banais são capazes de danificar o interior dos indivíduos, pois, ainda que determinadas pessoas passem pelas mesmas situações e saiam emocionalmente ilesas, nunca sabemos o que se passa na vida do outro; logo, como não podemos prever a reação de outrem diante de nossas atitudes, devemos bem agir para evitar o risco de causar sofrimento. Nesse sentido, a significação dada ao sofrimento aparece de maneira particularizada e relativizada: cada um sofre à sua maneira, pelos seus motivos, e ninguém tem o direito de dizer o que é sofrer além do indivíduo sofredor, o qual também é limitado na medida em que só pode se pronunciar a respeito do seu próprio pesar, e não de outrem.

De acordo com Wittgenstein (1953 apud HACKING, 2009), a linguagem é pública, possibilitando que os indivíduos se situem uns em relação aos outros e autodescrevam seus termos mentais, pois uma linguagem privada suscitaria a incomunicabilidade entre as pessoas. A ausência de um significado comum para uma emoção como o sofrimento é, assim, capaz de gerar desentendimentos e a intransmissibilidade de ideias, favorecendo a constituição de ilhas individuais, território nos quais imperam a verdade própria de cada indivíduo. Tal cenário se inscreve no paradigma pós-moderno, caracterizado por um particularismo universalizado, pela herança moderna do protagonismo de um sujeito divino de origem protestante que é "a única fonte de significado e valor, e não suporta, na sua liberdade absoluta, semelhante à divina, qualquer limitação". (EAGLETON, 2003, p. 111) e pela ascensão das perspectivas e das relatividades em detrimento da verdade, que se torna desinteressante (AMARAL, 2015).

[10] Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_borboleta >. Acesso em 3 jun. 2017.

Se levarmos em consideração que, na cultura contemporânea, a ausência de referências simbólicas é capaz de causar insegurança identitária – uma vez que há milhares de possibilidades e faltam modelos de certo e errado nos quais possamos nos ancorar –, e que a mesma pode ocasionar depressão (EHRENBERG, 2000), podemos encarar a intensa particularização do sofrimento como possível fonte de mais sofrimento. Diante de tantos caminhos a seguir, o indivíduo se sente insuficiente, pois é incapaz de degustar todos eles para saber qual seria a melhor alternativa, e tem a impressão de que pode controlar todas as circunstâncias da vida, uma vez que tudo parece possível; ou seja, pressupõe-se onipotente. Os sofrimentos e os infortúnios aparecem como elementos facilmente manipuláveis e elimináveis e, consequentemente, a frustração resultante da quebra de expectativa ocasionada pelo fracasso em suprimir os tormentos e as amarguras da existência apresenta um alto custo emocional.

Nesse cenário, a experiência humana aparece como experiência do risco, em que uma temporalidade de ordem virtual impera e se considera que o porvir já é (AMARAL, 2015). O futuro deve ser milimetricamente calculado, pois, já que qualquer resultado é possível, temos a obrigação de considerar, também, os efeitos negativos que podem derivar dele. As palavras de ordem são precaução, responsabilidade e dívida, uma dívida que se estende tanto em relação ao futuro quanto ao passado em uma conjuntura em que o futuro é ameaçador, e não promissor, como na Modernidade, e o presentismo, ou seja, um presente multidirecional, domina (HARTOG, 2015). Assim, se não sabemos o que pode ser fonte de sofrimento, pois o mesmo apresenta um significado diferente para cada indivíduo, e se a única limitação na busca dos prazeres é a compaixão (VAZ, 2010), devemos estar atentos, a todo momento, às nossas atitudes que possam, porventura, magoar alguém, conectados permanentemente com um futuro-presente que se expressa pela questão "e se?" e com um passado-presente que pode passar a ser considerado traumático por nós ou por outrem a qualquer tempo.

Em *Os 13 Porquês*, percebemos esse mal-estar no comportamento de determinados porquês que, ao tomarem conhecimento das fitas e de sua parcela de responsabilidade no suicídio de Hannah, ficam angustiados. É o caso de Alex, que inseriu o nome da menina em uma lista na qual ela figurava como o melhor bumbum do colégio. Ao longo dos capítulos, o garoto se torna cada vez mais depressivo, culminando em uma tentativa de suicídio no último episódio da série. Tyler, colega de Hannah que também sofria *bullying* e tirou fotografias da garota sem a autorização dela, em uma atitude

stalker, ao saber das fitas, passa a sofrer ainda mais, comprando uma série de armas de fogo para, quem sabe, realizar um atentado na escola[11]. Jessica, amiga de Hannah que foi estuprada e também apareceu como um dos porquês por ter dado um tapa no rosto da outra menina e deixado sua amizade de lado, afundou-se nas bebidas alcóolicas. E, por fim, a própria Hannah, ao pegar carona com Sheri, ficou ainda mais deprimida do que estava porque a motorista derrubou uma placa de "Pare", acontecimento que resultou em um acidente de carro fatal para Jeff, um outro aluno do colégio. Todos esses personagens foram atormentados pelo fracasso em controlar o futuro e em prever as possíveis consequências negativas de seus atos, sendo incapazes de perceber a intensidade de sofrimento que poderiam causar uns aos outros.

Ao analisarmos a sequência de eventos de *Os 13 Porquês* e suas trágicas consequências, também percebemos aquilo que Vaz sugeriu em A vida feliz das vítimas (2010):

> A inquietação é a de que certas formas de atribuir sentido ao sofrimento podem provocar mais sofrimento. Constantemente incitados a se conceber como desamparados, os indivíduos, hoje, se pensam como precisando de especialistas para viver suas vidas, e como incapazes de encontrar qualquer positividade nas tragédias com que, necessariamente, se defrontarão ao longo de suas vidas. E ciosos de sua inocência, serão facilmente tomados pelo ressentimento, pela indignação, saindo em busca de bodes expiatórios e não questionando a moralidade que anima sua busca. (VAZ, 2010, posição 3.078).

Ao defender a ideia de que, se todos forem bons, o tormento pode ser substancialmente eliminado, a série deixa de considerar os aspectos materiais e históricos das origens do sofrimento, estabelecendo uma distância entre os maus que desrespeitaram os limites do prazer ao interferir no prazer alheio e o bom sofredor, e deixando de atentar, assim, para as condições concretas que nos afligem. Na medida em que adota essa perspectiva moralizante e centrada no individual, em detrimento do social e do cultural, *Os 13 Porquês* critica as consequências, e não as raízes, dos problemas que atormentam os seres humanos, afinal, como sustentar que todos sejam bons uns com os outros em uma sociedade capitalista e neoliberal, cujo protagonista é o indivíduo narcísico, marcado pela corrosão do caráter (SENNETT, 1999 apud BIRMAN, 2010), e na qual o modelo econômico é desdobrado para as relações sociais e para a existência, o ser humano é visto como uma empresa e como um capital, e os processos sociais são penetrados pelo mercado e seus valores, como a concorrência (FOUCAULT, 2008)? Da mesma maneira,

[11] A série deixa esse acontecimento no ar para ser desenvolvido na segunda temporada.

ao generalizar sob o termo *bullying* as ações machistas, misóginas e criminosas de que Hannah sofre – como o estupro, a disseminação de uma foto em que aparecem suas roupas íntimas e a perseguição por ser considerada "fácil" –, a série des-historiciza as condições de existência do patriarcado e as maneiras de combatê-lo, realizando o que Furedi (2004) denominou determinismo emocional.

Concomitantemente, o fato de a série defender que qualquer evento é capaz de fazer sofrer e deixar marcas indeléveis nas pessoas aliado ao fato de que o sofrimento, na cultura contemporânea, abrange os problemas de saúde mental, pode gerar um aumento na quantidade de indivíduos que se concebe como doente em um contexto em que sofrer é sinônimo de sintoma de algum distúrbio psiquiátrico. Apesar de não mencionar a depressão, *Os 13 Porquês* é constantemente associado à doença na imprensa, como em matérias do Globo[12], do UOL[13], da Gazeta do Povo[14], da Capricho[15] e da TodaTeen[16]. Assim, o seriado incrementa a identificação que o público tem com a personagem, pois ela aparece como um ícone dos indivíduos que sofrem em geral e apresenta os riscos a que eles estão submetidos.

Os 13 Porquês na internet

É interessante destacar que a identificação do público de *Os 13 Porquês* com Hannah é positiva, e com os 13 porquês, negativa. Podemos notar esse fato quando nos deparamos com publicações na internet que exaltam Hannah em detrimento daqueles que são considerados seus algozes. Por exemplo, a página do Facebook *Explicando*, que discorre sobre filmes e séries e apresenta mais de 700 mil curtidas, publicou uma postagem, com uma imagem de *Os 13 Porquês* de fundo, em que lê-se: "Todo mundo que assiste à série diz ser como a Hannah, quando, na verdade, 90% das pessoas é um dos porquês"[17]. O *post* teve cerca de 20 mil curtidas e 30 mil compartilhamentos, o que é uma

[12] Disponível em < https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/13-reasons-why-vira-alvo-de-polemica-levanta-questao-como-ficcao-deve-abordar-suicidio-21189561 >. Acesso em 3 jun. 2017.
[13] Disponível em < http://virgula.uol.com.br/saude/acontece-e-comum-e-nao-se-fala-sobre-diz-especialista-sobre-suicidio/#img=1&galleryId=1178103 >. Acesso em 3 jun. 2017.
[14] Disponível em < http://www.gazetadopovo.com.br/ideias/13-motivos-para-nao-ver-13-reasons-why-a-polemica-serie-sobre-suicidio-da-netflix-2s1mmjq528ee12sach50ychmb >. Acesso em 3 jun. 2017.
[15] Disponível em < http://capricho.abril.com.br/vida-real/o-lado-perigoso-de-13-reasons-why-existe-e-precisa-ser-discutido/ >. Acesso em 3 jun. 2017.
[16] Disponível em < http://todateen.com.br/fun-cinema-e-tv/licoes-aprendemos-13-reasons-why/ >. Acesso em 3 jun. 2017.
[17] Disponível em < https://www.facebook.com/explicandoo/photos/a.1130171983716668.1073741828.1130165210384012/1510471902353339/?type=3&theater >. Acesso em 3 jun. 2017.

indicação relevante da vontade de se identificar com a personagem que sofre. Ademais, a própria ascensão da hashtag #NãoSejaUmPorquê nas redes sociais já indica com quem o público não deve se identificar.

A partir do momento em que causam sofrimento ao outro, os 13 porquês elencados nas fitas perdem o direito ao papel de vítima, estimado na contemporaneidade por transformar o indivíduo que sofre em um heroi. Esses personagens, mesmo que apareçam, também, como vítimas de determinadas circunstâncias, ao externarem os sofrimentos consequentes de sua história de vida fazendo Hannah sofrer, ultrapassam o único limite de gozo da contemporaneidade: a interferência no prazer alheio, negando a compaixão. Hannah, assim, é a verdadeira vítima da história, pois, em vida, não teria causado nenhum dano emocional a seus colegas. Ainda que a gravação e a distribuição das fitas, após sua morte, tenha tido consequências desagradáveis entre os porquês, esses infortúnios aparecem como resultantes das atitudes incompassíveis dos preconceituosos que a levaram a cometer suicídio.

Podemos explicar essa identificação em massa com a figura do sofredor a partir de, além da simpatia pela figura da vítima, sua desestigmatização nos meios midiáticos. A série apresenta Hannah como uma menina normal, inteligente, bonita e sociável, o que nada tem a ver com os estereótipos que anteriormente definiam esse indivíduo. O sofredor não mais aparece como alguém soturno, solitário, socialmente inadequado ou "estranho". O sofredor pode ser qualquer um de nós, ainda que, exteriormente, apresentemo-nos como pessoas alegres e saudáveis.

Os vídeos produzidos pela Netflix para seu canal no YouTube ressaltam essa característica. A partir da hashtag #NãoSejaUmPorquê, algumas celebridades, conhecidas sobretudo entre os adolescentes, como a blogueira Thaynara Gomes, Bruno Rocha, jornalista responsável pelo site Hugo Gloss, e a atriz Vaneza Oliveira, relatam seus porquês. Thaynara[18] conta que seus colegas de turma acreditavam que, por ela ser de fenótipo indígena, do Maranhão e ter um sotaque diferente, não deveria estar em uma escola de outro estado. Bruno[19] diz que, por ser negro, gay e antigamente gordo, sempre teve propensão a sofrer *bullying*, e enumera diversos apelidos com os quais era rotulado na época de colégio. Vaneza[20] relembra todas as ações preconceituosas que sofreu na escola, quando, por exemplo, os outros alunos a chamavam de "macaca" e perguntavam

[18] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=MySxSJmZ7Do >. Acesso em 3 jun. 2017.
[19] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=lujnTREw8_w >. Acesso em 3 jun. 2017.
[20] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=wyxzYcFKfYM >. Acesso em 3 jun. 2017.

se ela não tinha tomado banho. Além desses depoimentos, também há outros dois, de pessoas comuns, a jornalista Jaqueline[21] e a chef de cozinha Catarina[22], sobre gordofobia e sexismo.

A partir da narração dessas celebridades ou desses indivíduos comuns sobre as dificuldades e os sofrimentos enfrentados em suas vidas e a superação dos mesmos em direção a uma existência bem-sucedida, percebemos que todos podem ser assolados pela dor, até mesmo os que hoje têm sucesso, e não há vergonha nenhuma nisso. Na sessão de comentários dos vídeos, é possível encontrar inúmeros testemunhos de indivíduos que passaram por situações parecidas e que desejam mandar os seus porquês para a Netflix. Aparece, assim, novamente, a vontade de identificar-se com a posição da vítima.

Todos os cinco vídeos trazem a mensagem positiva de que devemos ser nós mesmos e não buscar a aceitação do outro e tratam os temas supracitados de maneira emocional e individualizante, apesar de terem profundas raízes históricas, reproduzindo a mesma linha de pensamento de *Os 13 Porquês*. Nesse sentido, os vídeos apresentam o racismo, a gordofobia, o sexismo e o preconceito contra nordestinos a partir de discursos que relatam eventos na vida de indivíduos, sem relacioná-los ao contexto social, histórico e cultural. Trata-se, aqui, não de negar as boas intenções da Netflix e suas possíveis consequências positivas, mas de questionar o papel de uma perspectiva que apenas apresenta o que já sabemos – afinal, convivemos com diversas formas de preconceito todos os dias – em nossa realidade material, na qual negros, gordos, nordestinos e mulheres não femininas pouco participam da mídia, são encarcerados em massa e aparecem como a negação do ideal de beleza que devemos seguir.

Na página brasileira oficial da série[23], inúmeras postagens ressaltam as consequências destrutivas do efeito borboleta. Publicado em 12 de maio[24], o resumo em vídeo da terceira fita de Hannah aparece em um *post* com a frase "Ações que parecem simples podem gerar consequências imprevisíveis". Em 24 de abril, junto à promoção do site Não Seja Um Porquê[25], desenvolvido pela Netflix, há um *post* acompanhado pelos dizeres "Não espere que algo aconteça para agir. Não se omita". Em 17 de abril, para promover o mesmo site, a página postou "Boatos podem destruir amizades e até algumas

[21] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=BhNh3h39Ki0 >. Acesso em 3 jun. 2017.
[22] Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=slZ17KO2BXI >. Acesso em 3 jun. 2017.
[23] Disponível em < https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/ >. Acesso em 3 jun. 2017.
[24] Como não é possível colocar o link direto de alguns *posts*, identificarei as postagens por data de publicação.
[25] Disponível em < http://naosejaumporque.netflix.io/ >. Acesso em 3 jun. 2017.

vidas. Clique aqui e descubra como é fácil ser o motivo da tristeza de alguém." Em 14 de abril, publica "Às vezes, contribuímos com o bullying e não percebemos. Clique aqui e descubra se você é parte do problema". Em 8 de abril, junto a um vídeo que simula uma conversa virtual entre Hannah e Clay, na qual o menino diz que nunca vai abandoná-la, aparece a frase "Se pudéssemos voltar atrás pra dizer o que queríamos..." Em suma, nas mensagens veiculadas na página podemos perceber as incertezas resultantes das particularizações do mundo contemporâneo, em que o sofrimento é definido de modo subjetivo, e também a noção de risco e de dívida características da maneira como habitamos o tempo na contemporaneidade, na qual tanto o agir quanto o se omitir podem gerar consequências irreparáveis e imprescritíveis.

A indefinição também aparece relacionada à personalidade dos indivíduos em postagens como a que diz "Talvez sejamos mais do que o mundo vê. Ou menos. Talvez nenhum de nós seja o que parece"[26] e a que relaciona o personagem Zach aos dizeres "Sou o cara mais popular da escola e ainda assim me sinto sozinho"[27]. Nesse sentido, temos ressaltada a ideia de que, uma vez que tudo é possível, o particularismo é universalizado e faltam alicerces capazes de sustentar a verdade, as aparências nos enganam. Assim, não podemos saber o que se passa na vida de ninguém.

Conclusão

Na contemporaneidade, as emoções aparecem como a fonte dos problemas individuais e coletivos. Assim, o estado interior de um indivíduo é considerado como capaz de abalar as estruturas da sociedade. Consequentemente, tendemos a dar sentido à nossa existência pelo prisma da cultura terapêutica, procurando as causas de nossos descontentamentos e sofrimentos em nossa vida emocional, e deixando de lado seus aspectos históricos, culturais e sociais em nome da individualização.

O afastamento da vida pública origina um cenário em que a particularização é universalizada e o sujeito é a fonte de sua própria verdade. Concomitantemente, aliada aos imperativos da felicidade, a cultura terapêutica configura um panorama em que os indivíduos se sentem vulneráveis e tristes facilmente, encarando-se como vítimas caso

[26] Disponível em < https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/photos/a.1272877199432676.1073741828.1241862042534192/1301896393197423/?type=3&theater >. Acesso em 3 jun. 2017.
[27] Disponível em < https://www.facebook.com/13ReasonsWhyBR/photos/a.1272877199432676.1073741828.1241862042534192/1305880819465647/?type=3&theater >. Acesso em 3 jun. 2017.

suas expectativas de felicidade – vistas como um direito – sejam frustradas. Assim, surgem o ressentimento, a vitimação e o trauma como formas de dar sentido às experiências de sofrimento dos seres humanos. Como o limite na busca da felicidade é a compaixão pelo outro, configura-se um contexto de responsabilidade e risco, no qual há uma articulação permanente entre presente, passado e futuro para explicar as amarguras da existência.

Os 13 Porquês segue a lógica da cultura terapêutica na medida em que considera o sofrimento de sua protagonista, Hannah Baker, como causado por um grupo de ações individuais. Sob a justificativa do efeito borboleta, fatos como o estupro e o assédio aparecem como motivadores de suicídio tanto quanto o afastamento de amigos e a publicação não-autorizada de um poema. Assim, *Os 13 Porquês* apresenta Hannah como vítima de circunstâncias particulares, des-historicizando a misoginia e a luta das mulheres ao equiparar o peso de crimes ao de rivalidades colegiais e colocar o abuso sexual desconectado de suas condições históricas, culturais e sociais.

Não se trata de colocar sob suspeita os possíveis efeitos positivos da série ou suas boas intenções, mas sim de questionar se a generalização do papel de vítima sugerida pelo seriado é capaz de gerar mais sofrimento, pois, na medida em que somos vítimas, não somos agentes, e em que o outro é culpado, ele é um algoz distante de nós por sua malevolência. A partir dessa perspectiva moralizante e maniqueísta, sofremos mais tanto por sermos as vítimas, incapazes de mudar o próprio destino e ressentidas com o passado, quanto por estarmos sob o risco constante de sermos os algozes de outrem, devendo calcular todas os possíveis resultados negativos de nossos atos em um contexto em que o sofrimento deve ser evitado a qualquer custo e apresenta uma definição subjetiva e nebulosa.

Além disso, a perspectiva moral do sofrimento é capaz de acentuar a crença de que podemos tudo controlar, pois parece defender que, se todos formos bons, não haverá infortúnio, deixando de considerar que a tristeza faz parte da existência e aparece sob diversas formas, e não somente como consequência dos atos mal intencionados de alguém. Ademais, a moralização do sofrimento estabelece uma distância entre nós e eles, entre os bons e os maus, colocando as adversidades da vida como causadas por mau caráteres e, assim, impossibilitando que sejam buscadas as resoluções desses problemas em nossa vida prática.

Vimos que a identificação em massa dos espectadores é com a figura da vítima, ou seja, Hannah. Tal fato é preocupante, uma vez que, além dos motivos acima elencados, há uma acentuada correlação na mídia entre os sintomas apresentados pela protagonista e a depressão, o que pode aumentar a quantidade de indivíduos que se identificam como depressivos ao compararem os sofrimentos narrados pela série aos seus próprios. Ademais, a vontade de se identificar como vítima realça um aspecto importante da cultura contemporânea, na qual todos nós devemos expor nossas vulnerabilidades e apresentar nossas amarguras em público para nos curarmos de eventuais feridas e sermos considerados bons cidadãos.

Referências bibliográficas

BIRMAN, J. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, J. (org.) **Ser feliz hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. E-book. n.p.

D' AMARAL, M. **Os assassinos do sol** – Os gregos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

EHRENBERG, A. **La Fatigue d'être soi**: Dépression et société. Paris: Odile Jacob poches, 2000.

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE FILHO, J. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo "pessoas cronicamente felizes". In: FREIRE FILHO, J. (org.) **Ser feliz hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. E-book. n.p.

FUREDI, F. **Therapy Culture** – Cultivating vulnerability in an uncertain age. Abingdon: Routledge, 2004.

HACKING, I. **Ontologia Histórica**. São Paulo: Editora Unisinos, 2009.

HARTOG, F. **Regimes of historicity** – Presentism and experiences of time. New York: Columbia University Press, 2015.

RIEFF, P. **O triunfo da terapêutica**. Brasiliense, São Paulo, 1990.

VAZ, P. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, J. (org.) **Ser feliz hoje**: Reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. E-book. n.p.

_____. Na distância do preconceituoso: narrativas de bullying por celebridades e a subjetividade contemporânea. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 28, p. 32-44, dez. 2014.